

Representações do Mar nos primeiros versos de António Nobre

Cristiana Sofia Monteiro dos Santos Pires*

Resumo da comunicação: António Nobre assume, na história da literatura portuguesa, uma singularidade inquestionável. De personalidade excêntrica e talento invulgar, publica apenas uma obra em vida, o *Só* (1892), e é o que lhe basta para inscrever o seu nome na lápide da imortalidade.

A morte surpreende o poeta aos trinta e três anos, no auge da sua criatividade. Deixa inéditos em livro grande parte dos seus poemas, na sua maioria dispersos por jornais e revistas da época. Graças à iniciativa do seu irmão, Augusto Nobre, publicaram-se duas obras póstumas, *Primeiros versos* (1921), com as poesias escritas entre 1882 e 1889, e *Despedidas* (1902), englobando os poemas escritos após a publicação do *Só*.

Neste trabalho, debruçar-nos-emos nos primeiros versos de António Nobre, mais concretamente na estreita relação que o poeta vai estabelecendo com o mar, testemunho de uma feliz adolescência nas praias de Leça e da Boa Nova, a sua ermida à beira-mar.

[...]

Ó Boa Nova, ermida à beira-mar,
Única flor, nessa viv'alma de areais!

Só, «Lusitânia no Bairro Latino», Paris, 1891-1892

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lazúli e coral!

Só, Porto, 1887

* Doutoranda em Literaturas e Culturas Românicas – FLUP. Grupo CITCEM: Multiculturalidade e diálogo internacional.

Desta aliança entre o sujeito lírico e o mar, aflora uma emotividade suprema, exalando o poema a essência de alma lusitana. A poesia da juvenília de António Nobre é, desta forma, imprescindível para a compreensão do *Só*, onde constam vinte e três poemas escritos entre 1884 e 1889.

Tome-se como ponto de partida o poema autobiográfico, «António» (*Só*, Paris, 1891), que inaugura a sua obra, onde o sujeito lírico, com orgulho, exalta as suas raízes ligadas ao mar:

[...]
Nasci, num Reino d'Oiro e amores,
À beira mar.

[...]
Sou neto de Navegadores,
Heróis, Lobos d'água, Senhores
Da Índia, d'Aquém e d'Além mar!

O poeta sente-se filho do mar e, como tal, aspira a regressar a ele um dia, como um retorno ao ventre materno.

Quando eu morrer, hirtos da mágoa.
Deitem-me ao mar!
Irei indo de fragua, em fragua,
Até que, enfim, desfeito em água,
Hei de fazer parte do mar!

Em estilo de analepse, vejamos como António Nobre, numa espécie de heterónimo ou alter-ego, o Anto, alicerça uma auto-mitificação sob a égide da ideologia romântica do poeta maldito, dando cumprimento à voz sábia «velha Carlota»:

«Meu pobre menino! Que Nossa Senhora
Fez tão infeliz...»

No ano de 1882, as praias de Leça e da Boa Nova despertam no jovem poeta de quinze anos o sentimento lírico que, até à ida para Paris, em 1890, enche as páginas de duas coletâneas que não chegam a ser publicadas: *Alicerces*

(1882-1886) e *As Confissões* (1882-1889); para além de diversos manuscritos avulsos que o tempo ameaça apagar.

Nos últimos anos de vida, António Nobre demonstra a intenção de publicar os poemas da juvenília, como salienta o seu irmão Augusto na primeira edição de *Primeiros Versos* (1921, p.149):

«António Nobre tencionava publicar o seu primeiro livro de versos com o título *Alicerces*; substituiu-o depois pelo de *Confissões*, mas com a sua ida para Paris estes dois nomes foram definitivamente postos de parte pela publicação do *Só*.

Pouco antes de morrer tinha resolvido reunir em volume as poezias que não havia incluído no *Só*, a maior parte das quais já conhecidas pelas *Revistas e Jornaes* do tempo; a esse volume daria o nome de *Primeiros Versos*.

É esta a razão do título deste livro postumo».

Entre esboços, emendas e rasuras, o *eu* poético vai erguendo os seus castelos ideais, de luz, de oiro, de marfim... É a pomba que se vai fazendo águia e que se exhibe em todo o seu esplendor. Paulatinamente, o poeta delineia um microcosmos povoado pelo seu mar, a sua terra e a sua gente. Leça parece obsequiá-lo com os ingredientes necessários à criação de um lirismo comezinho, puro e de singela beleza. As palavras soltam-se ao vento e reencontram-se para formar composições de esquemas rimáticos regulares e de cadências suaves.

Entremos no laboratório de escrita do poeta, assistamos ao seu *fazer-se* e atentemos nas peculiares representações do mar que enriquecem os seus versos.

O poema «O Mar», datado de Dezembro de 1882, consta entre os primeiros escritos de António Nobre. Entre o chorar monótono das ondas e o sibilar sinistro do vento, o sujeito lírico dramatiza um misto de sentimentos – do desespero à compaixão.

A personificação do mar que dominará toda a obra nobreana começa a delinear-se neste momento. O mar é vilão e é herói. Nas suas águas ecoam os gritos das mães de Portugal. O mar é goela insaciável, destruidor de epopeias, de vidas e de sonhos. Escuta, indiferente, a dor, o choro enraivecido daqueles que para ele perderam os seus entes queridos.

O poeta, extasiado, suplica-lhe, num deleite sádico:

Ruge, ó mar, ruge sempre! Que te importa
Que uma mísera Mãe procure a morta
Que, brincando, arrojaste a um vil granito.

Se vês no Azul sorrir-te imaculada,
A lua — a tua noiva — encarcerada
Nas regiões supremas do Infinito?!

Na última estância, apresenta-se já um dos pares românticos por excelência da poesia de António Nobre – a Lua e o Mar. Em 1885, o poeta recupera esta temática, exaltando o tom profético. Faz duas versões do mesmo texto, mas não acaba nenhuma delas. A mais antiga, intitulada «O Mar» é publicada na quarta edição de *Primeiros Versos* (1983), a outra, «Invocações», consta do manuscrito *As Confissões*. Apesar de incompletos, estes textos são valiosos do ponto de vista crítico-genético, pois tornam visível o ato de escrita *in fieri*.

Ao longo da sua vida, António Nobre revisita os seus escritos, como se nenhum deles merecesse ser votado ao esquecimento. Por vezes, como acontece no poema «O Mar» (1885), compõe novas versões, fruto das novas vivências e que espelham uma depuração do seu sentido estético. O poeta dá vida e autonomia aos seus versos, desloca-os de texto, revigora-os, impede que o passar do tempo os apague da sua memória.

A este propósito, ressalve-se que alguns dos principais erros na fixação do *corpus* textual das obras póstumas do autor têm a ver com equívocos relativamente aos diversos estádios de composição ou lições de um mesmo texto.

Na que julgamos tratar-se da última lição do texto, o sujeito lírico intensifica o vigor da sua invocação e o drama íntimo, ao mesmo tempo que torna mais sólida a sua comunhão com o mar.

Sentai-vos ao seu lado,
Vós, desgraçados! Que não tendes fé:
Ninguém como ele entende um grande desgraçado,
Ninguém como ele sabe o que isso é...

Casos como este ilustram como a história genética dos poemas nos permite acompanhar a maturação do poeta. O conjunto de poesias escritas nas fases de Leça e Coimbra dá-nos uma visão de movimento, que evidencia o debate deste «rouxinol das praias» na construção da sua excecionalidade. Como bem notou Guilherme de Castilho (1988, p.89):

«No meio de selva tão densa e escura de mágoas literárias, de dores inventadas para fazer versos, de emblemas funéreos, de situações raras, de sentimentos extremos, de desesperos espectaculares, um cheiro a algas, a maresia, a Leça, a mocidade-sem-literatura, se desprende dos cadáveres amontoados no cemitério destas páginas. As *misses* que o poeta «doidamente» namorou na sua encantadora praia de Leça, deram-lhe versos bem mais vivos e mais dele do que as Ofélias literárias; um ou outro abandono consentido à disciplina da estética de figurino, neste ou naquele poema, servem-nos de amostra, embora ténue, do que o poeta poderá vir a ser quando apenas ouvir a sua própria voz.»

No *corpus* textual em análise ouve-se já essa voz, ainda que em murmúrio. E não duvidamos que a proximidade do mar vai ajudando o poeta a encontrar o seu trilha mais genuíno no panorama literário finissecular. Como ressalta José Carlos Seabra Pereira, em *António Nobre – Projecto e Destino* (2000, p. 53):

«Há que valorizar esses passos para a excepcional criação da maturidade, quer pela multiplicidade de modelos e orientações que então experimenta e abandona (numa sustentação intertextual das suas opções que tem sido subestimada em favor de um suposto espontaneísmo lírico, entendido equivocadamente ora como apanágio de «inspirado», ora como defeito de incultura literária), quer pelas manifestações temático-formais que, logo depois, irão adquirir mais amplo significado na obra do poeta e, por seu influxo, na literatura portuguesa coeva e subsequente».

Na jornada da sua maturação poética, António Nobre revela um olhar atento, deixando-se impressionar pelo que o rodeia. É exemplo disso o poema «Eclipse», onde o sujeito lírico nos presenteia com o que poderíamos chamar

reportagem em verso. Assim, numa espécie de experiência telepática, apreciamos um espetáculo social que se torna cada vez mais intimista.

Na praia, Miss! Àquela hora havia
Enorme sensação:
Entusiasmada, a gente discutia
Com o óculo na mão.

E como, é certo, com a vista nua,
Tão fraca e tão subtil,
Tu não podias observar a lua,
Astrónomo gentil,

Um moço poeta, rouxinol das praias,
Um óculo ofereceu,
A ti, meu casto Ptolomeu de saias,
Geómetra do céu!

O microcosmos do poeta começa a ganhar forma, com os seus lugares-comuns, o seu léxico, os seus símbolos. No poema «Ave» (1884) – que, curiosamente, não integra nenhuma das edições de *Primeiros versos*, mas foi publicado em *Ave e outras poesias desconhecidas*, de editor anónimo – ouve-se o despertar da aldeia, com a procissão para a missa, o chilrear das «doces cotovias», enfim, com todo o colorido campestre que, muito mais sofisticadamente, encontraremos no *Só*.

O editor desta pequena coletânea, ao dar à luz estes poemas esquecidos de António Nobre, chama a atenção para a necessidade de uma revisão crítica da obra do poeta.

«A poesia de António Nobre despertou uma densa corrente de apaixonados que dum e outro lado do Atlântico o consagrou como divino intérprete da Fatalidade e da Dor» (1958, p.7).

No poema «Ave», para além do pitoresco rural, na última estância, recolhemos mais um testemunho da amizade crescente entre o *eu* poético e o mar.

Saiamos; que eu vou dar
O costumado abraço
Nesse bom velho, o mar!

Com o passar do tempo, o poeta vai delimitando o seu condado à beira-mar, feito de sonhos, e, do alto da sua torre de leite, contempla a imensidão das negras águas com olho perspicaz de quem vê mais além. Na solidão de observador voraz, o poeta vai transfigurando o real ao sabor da sua perspetiva, captando o quotidiano das suas gentes: os marinheiros, os morenos pescadores, as varinas...

Envoltas numa capa, esbeltas criaturas,
Passam na rua atrás da lenta procissão
Tão brancas, tão gentis, tão calmas e tão puras
Como o festivo andor erguido multidão.

«Varinas», 1885.

A brisa do mar oferece ao poeta o vislumbre da autenticidade do sentimento e da genuína emotividade, o que lhe faculta encontrar a sua marca de excecionalidade, numa época em que coexistem movimentos literários diversos.

Além disso, é ao som do «eterno runrum das ondas» que o coração do jovem Nobre se enamora. Ellen, Porcy e Charlotte vão ofuscando as ofélicas visões do sujeito lírico, conferindo um tom mais fresco e vivo às suas palavras.

Do romance com Miss Charlotte (Charlotte Clare Thorne), entre 1886 e 1887, ficam alguns testemunhos em verso. Em carta a Alfredo de Campos, datada de 1887, o poeta faz questão de frisar que este amor germinou à beira-mar: «(...) a loira recordação amorosa que este ano levo de Leça» (CASTILHO, 1982, p. 52). De facto, esta revelação confirma-se nos dois versos anotados em *Alicerces*:

Vi-te a primeira vez junto do mar, criança!
Ia a cair o sol. Tu eras só na praia.

Todavia, nem sempre o mar configura um pano de fundo bucólico, já vimos que ele apresenta uma simbologia antitética. Nesta perspetiva, no

conjunto da sua obra, apreciamos um processo metamórfico em que o mar surge ora como o «Todo-Poderoso», o herói da penedia, o «jazigo de paquetes, de ossos», o carrasco cruel a cujas águas ensanguentadas as mães de Portugal dirigem seus gritos; ora como o sábio conselheiro, o confidente irrepreensível das mágoas do jovem coração.

Quando é sereno, e voa a todo o pano,
Maldizem Deus, riem de ti, Oceano!
Lançam-se ao vinho, à embriaguez, ao fogo;

Mas quando estala e zurze a tempestade,
Então... tem pena deles! Tem piedade!
Ó velho Oceano Todo-Poderoso!

«Os marinheiros», 1886.

Esta alomorfia do mar perpassa a poesia nobreana ressaltando as contradições da própria alma do sujeito lírico, que se esvai em êxtase quer de felicidade quer de dor. No fundo, a ira do mar não passa do choro de um enamorado que contempla a sua amada – a Lua – eternamente, sem nunca a alcançar.

Em «Estrelas do Mar» (1885), o sujeito lírico celebra a negridão das profundezas do mar, onde é sempre noite e, por isso, revivendo o gosto romântico, gosta de esconder os seus sonhos de menino.

O mar é, pois, o céu; mas, ah!, ninguém se acoite
Nesse infinito azul... que se na Altura é dia,
Nesse outro mundo, o Oceano, é noite... e sempre noite!

A transição de menino a homem faz-se em Leça. É lá que matura como poeta, como testemunha a carta a Alfredo de Campos, datada de 1887 (CASTILHO, 1982, p. 51):

«(...) é Leça a terra onde eu tenho educado a minha alma, onde estão ligadas todas as boas recordações da minha vida. Além disso deixo de ver dois amigos que eu deveras estimo: o Sr. Alfredo de Campos e o Sr. Oceano Atlântico.»

Na mesma carta, Nobre desafia o amigo a que, como ele, oiça o saber ancestral do mar da sua terra-natal. A melodia dissonante das ondas a

desfalecerem nas fragas, libertando o eco de um último suspiro, é para os ouvidos do poeta um som primordial, de paz, de quietude total.

«Tens o mar, que é o melhor conselheiro depois de nossos Pais.»

«Ouve uma coisa que te digo: nunca te decidas sobre uma questão qualquer sem primeiro teres meditado nela à beira daquelas negras águas. Verás como aquele eterno runrum das ondas que se transformam a pouco e pouco numa voz deliciosa e amiga capaz de deitar a um canto a voz da Patti (...).»

Efetivamente, observamos que o sujeito lírico fala com o mar, a ele se confessa como a um melhor amigo. É que a pureza das suas águas sara a dor da alma. Em «Balada Excêntrica» (Seixo, 1885) – publicada em *Alicerces seguido de caderno de apontamentos* (CLÁUDIO, Mário, 1983), não constando nas edições de *Primeiros Versos* – o eu poético alude a essa qualidade divina do seu mar.

E ela, uma rapariga excêntrica, mas boa,
Tirou do seio a cruz de ferro com brilhantes.
Lançou-a ao mar; o mar indómito arrastou-a...
E abraçaram-se à cruz as ondas soluçantes!

Por que é que essa criança ingénua e pequenina
Faria tal, Senhor? Ah, quis, talvez, benzê-la,
Por isso é que a afogou, naquela água divina...

A busca de conforto perto do mar, muitas vezes proporciona, como já ressaltámos, a captação de cenas pitorescas, que o poeta se apressa a estampar em verso. É desta forma que compõe um dos poemas mais simbólicos desta fase, «Inglesinhas» (1886), que conhece vários estádios de composição até à sua última lição. O poeta molha o seu pincel nas cores que a paisagem lhe oferece e esboça, num bucolismo pueril, uma aguarela repleta de ternura a que o mar assiste como um avô encantado.

No entanto as «misses», em chilreante burburinho,
Largam, ao vento, as tranças!
E ri-se muito o Mar-avô, esse velhinho,
Que é doido por crianças...

Vejo tudo isto. E extasiado eu tenho, ao vê-las,
Excêntricos desejos:
Dá-me vontade, eu sei! De as presentear a elas
Com uns patins de beijos!

São poemas como este que nos mostram o crescimento de António Nobre como poeta, afastando-se cada vez mais dos *topoi* lúgubres, do sentimento artificial. As conchas, as estrelas-do-mar, as algas, todos os elementos se transfiguram para integrar a dimensão fantástica que a riqueza da paisagem marítima oferece ao bardo adolescente. O mar, não nos cansaremos de repetir, é um infindável oceano de inspiração.

E eu cismo, ao ver esses trapos,
Que as algas são os farrapos
Dos vestidos das sereias!

«As Algas», Seixo, 1886.

A partir de 1885, notamos como alguns poemas assumem um carácter premonitório, aludindo a uma imaginária partida da pátria que lança o *eu* num sentimento de saudade extremo.

Assim, no poema «Embarcadicho» (1886) assistimos ao embarque do sujeito lírico que, amargurado pelo desalento sentido na sua terra, procura o seu sonho noutros horizontes.

O moço, estático, pensa,
Cheio de saudade imensa,
Assentado no convés:
Ora às águas de mãos juntas,
Faz às ondas mil perguntas,
E elas respondem, «Talvez»...

Ainda em viagem, o *eu* devaneia já com o regresso à terra que o viu nascer: vê a eira, o poço, o adro, os aldeões, a mãe, a noiva, o pai. Neste caso, o mar desempenha o árduo papel de barqueiro do desterro.

Assim o triste emigrado
Como elas vai arrastado,
Longe do país natal,
Enquanto no céu perpassa
A lua, cheia de Graça,
A lua de Portugal!...

Este suspiro do *eu* poético encontrar-se-á inúmeras vezes no *Só*, e dele nos recordamos, irremediavelmente, ao ler a carta endereçada a Alberto de Oliveira, a 24 de outubro de 1890, a bordo Britannia: «Anto está longe de casa, estas águas não são de Portugal (...)» (CASTILHO, 1982, p. 117).

Até à ida para Paris, António Nobre vai desfrutando dos seus passeios pela costa, guardando na mente tudo o que vê, quando não traz consigo os seus cadernos, que constituem um autêntico missal destas primeiras impressões poéticas. Detém-se então a admirar os homens do mar, destemidos e aventureiros, desejando perpetuar esta linhagem.

Quisera ser um grande marinheiro,
Um novo astro entre os milhões de sóis!
Ser de Albuquerque um filho aventureiro,
Pertencer à família dos Heróis!

«Quisera ser um grande marinheiro», Leça, 1887

Esta doce recordação dar-lhe-á alento e fá-lo-á sonhar quando a paisagem da sua terra não passar de uma miragem longínqua: «(...) meu país de Marinheiros/ O meu país das Naus, de esquadras e de frotas!» (*Só*, «Lusitânia no Bairro Latino», paris, 1891-1892).

Toda esta utopia em torno das «regiões fantásticas do Mar» acompanha o poeta até Coimbra e serve-lhe de consolo quando, só, no Penedo da Saudade, em noites de insónia, embarca rumo ao seu paraíso perdido.

E, pela noite em claro, eu fico-me a cismar,
Triste, ao clarão da lamparina que desmaia,
Na existência que tive este Verão na praia,
Quando, mal na amplidão, vinha arraiando a aurora,
Ia por esse mar de Jesus Cristo fora,

No barco à vela do moreno Gabriel!

Só, «Carta a Manoel», Coimbra 1888-1889-1890

O «Criatura Nova» dos pescadores, o «menino» das lavadeiras do rio Doce prossegue a sua epopeia do povo singelo junto às margens do Mondego, onde suspira pela paisagem etérea e doce da sua infância, como se comprova na carta a Augusto de Castro, a 18 de Outubro de 1888:

«Aqui, em Coimbra, quase chego a acreditar que não existem na Terra aquelas adoradas pessoas e estes deliciosos lugares, de tal modo elas e eles são transcendentais, ideais! Cheguei a duvidar da existência do meu amigo Oceano tanto, como duvido da existência de Deus.» (CASTILHO, 1982, p. 57).

Nos primeiros tempos de estudante universitário, o poeta sente-se algo perdido no meio de uma multidão de capas negras que ele julga medíocres e fúteis. Na referida carta a Augusto de Castro transparece o desdém do poeta, que olha com superioridade o espetáculo medieval das praxes:

«Ontem, foi a abertura das aulas e, como sabes, é o dia grande dos estúpidos da Universidade: à Porta Férrea aglomerava-se uma multidão ansiosa por canelas de novato».

Por isso, não raro deparamos com uma súplica do *eu* poético ao seu oceano agora distante. Em «Às Ondas do Mar» (Coimbra, 1888) comprovamos esse apelo desesperado.

Ondas! Aqui, só oiço entre destroços
Cantigas de estudantes pela rua.
Ai! Quem me dera ouvir os Padres-Nossos
Que vós rezais à Lua!...

A nostalgia da distância aflora também no poema “A Escuna «Spes»” (1888), em que, à semelhança de «Embarcadouço», o sujeito lírico empreende uma viagem metafórica pelo Mar que é, afinal, a Vida.

Quando nasci eu embarquei, criança!
À beira-mar da lacrimosa Vida,
Na escuna «Spes», para seguir viagem,
No mar da Vida, em busca do Futuro.

Os anos de Coimbra são para António Nobre um misto de alegrias e desalentos. Por um lado, encontra verdadeiros amigos com quem chega a formar uma autêntica irmandade literária. Por outro lado, o fracasso nos estudos e a inerente subvalorização do seu talento, levam o poeta a imaginar-se na sua escuna rumo a outras paragens.

Nesta viagem, o sujeito lírico vê-se fragilizado, pois Anto não é o homem do leme, quer deixar-se engolir pelo mar, fundir-se na sua água sagrada e lavar a alma cheia de mágoas.

Lutei ainda. Contra o mar salgado
Arremeti, entre canções ilíadas,
Para salvar, como Camões, a nado
As minhas ilusões, os meus «Lusíadas»!

As forças faltam-me! Ninguém me salva!
Grito. Não me ouvem. Pelo amor de Deus!
Recebe-me em teu seio, Estrela de Alva!...
Ó minha nau-Catarineta! Adeus!

Anto anseia a libertação onírica que a amplidão do mar lhe oferece. Num último grito despede-se de uma vida tortuosa e imagina-se levado pela maré, livre enfim. Parece que o sujeito lírico sente um gozo macabro na fabulação da sua morte no mar.

Em Coimbra, a Torre de Anto apazigua o sofrimento do sujeito lírico, erguendo-se como um dos tão desejados castelos excêntricos de sal. Lá, o *eu* poético reescreve as vivências de Leça, correspondendo-se com o seu companheiro de longa data, o Oceano.

Ó Grande Alma trágica e sombria!
Quando hás-de enfim, na campa repousar?

Após a luta persistente e fria,
Ah, quanto é bom morrer... dormir... sonhar...!
«Carta ao Oceano»

No decurso desta breve jornada pela poesia da juvenília de António Nobre, procurámos ilustrar a intensa relação que o sujeito lírico estabelece com o mar. Entidade metamórfica por excelência, o mar personifica as ânsias mais profundas do *eu* poético.

À beira-mar, Anto encontra o estilo que o consagrará na literatura portuguesa como o poeta da alma lusitana. Recordem-se a este respeito as palavras de Pedro Homem de Mello, aquando da inauguração do monumento a António Nobre em Coimbra (Jornal de Notícias, 1939, p. 8):

«Nunca um estrangeiro poderá compreender a alma do nosso povo se não tiver compreendido a alma de Anto.»

António Nobre espalhou por toda a parte o que de mais autêntico existe em Portugal. Ao publicar a sua obra, o *Só*, em Paris, numa das mais conceituadas editoras, a Léon Vanier, o poeta assegura a imortalidade dos seus versos. A receção da obra entre a elite literária portuguesa da época não foi amável, no entanto, o *Só* haveria de afirmar-se como uma das maiores obras-primas da nossa literatura.

Referências bibliográficas:

CASTILHO, Guilherme de, *Correspondência / António Nobre*, 2.^a ed. ampliada e rev., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

António Nobre, Lisboa, Livraria Bertrand, 1950; 2.^a ed. corrigida e ampliada: Lisboa, Portugália Editora, 1968; 3.^a ed.: Lisboa, Editorial Presença, 1988.

CLÁUDIO, Mário, *António Nobre 1867-1900. Fotobiografia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001.

NOBRE, António, Só, Paris, Léon Vanier-Henri Jouve, 1892.

- _____. *Só*, 2.ed. Lisboa, Guillard, Aillaud, 1898.
- _____. *Despedidas 1895-1899*, prefácio de José Pereira de Sampaio, Porto, Augusto Nobre, 1902.
- _____. *Primeiros Versos: 1882-1889* (ed. póstuma), ed. de Augusto Nobre, Porto, Tipografia A Tribuna, 1921.
- _____. *Primeiros Versos: 1882-1889* (ed. póstuma), prólogo de Júlio Brandão, 2.^a ed. Revista, Barcelos, Comp. Ed. Do Minho, 1937.
- _____. *Primeiros Versos 1882-1889* (ed. póstuma), 3.^a ed., Prefácio de Júlio Brandão, Braga, Oficinas Gráficas Augusto Costa & C.^a L.^a, 1945.
- _____. *Ave & outras poesias desconhecidas*, Parnaso, Jardim da Poesia, 1958.
- _____. *Primeiros Versos e Cartas Inéditas*, Org., Pref. e Notas por Viale Moutinho, Lisboa, Editorial Notícias, 1983.
- _____. *Alicerces seguido de Livro de Apontamentos*, Leitura, prefácios e notas de Mário Cláudio, INCM/ Câmara Municipal de Matosinhos, 1983.
- PEREIRA, José Carlos Seabra, *António Nobre. Projecto e Destino*, Porto, Edições Caixotim, 2000.
- VOUGA, Vera, *António Nobre. Cem Anos de Gratidão* (Revista da Faculdade de Letras. Série de «Línguas e Literaturas», anexo XIII), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

Curriculum Vitae:

Cristiana Sofia Monteiro dos Santos Pires é licenciada em Português-Inglês (ensino de) pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Vila Real), mestre em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa pela Universidade do Minho (Braga) e tem um Curso de Doutoramento em Crítica Textual e Crítica Genética na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Atualmente, frequenta o Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e é membro colaborador do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM).

A nível profissional, é professora contratada do ensino básico e secundário, lecionando as disciplinas de Português e Inglês.

Em 2006, publicou a sua dissertação de mestrado *O modo fantástico e A Jangada de Pedra de José Saramago* (Editora Ecopy), com prefácio de Maria da Penha Campos Fernandes.